NANCY ARAGÃO

FRONTEIRAS DO IGNOTO

Filos

NANCY ARAGÃO

FRONTEIRAS DO IGNOTO

Copyright© Aragão, Nancy

Preparo de Originais: Filos Editora
Diagramação: Eduardo Carriel
Capa: Pablo Barrios
Coordenação: Ismael Tavernaro Filho

Impresso no Brasil, 2021

Dados internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
CBL - Câmara Brasileira do Livro

Aragão, Nancy

Fronteiras do Ignoto – 2ª ed – Rio de Janeiro – RJ, Brasil, 2021

692, p.: il.

ISBN: 978-65-00-26417-3

I. Literatura brasileira II. Título
Formato: A5 14x21

Filos Editora
Av. João Cardoso, 114 | Centro
CEP: 18760000 | Cerqueira César | SP
E-mail: assessoriafilos2@gmail.com
www.filoseditora.com.br

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução parcial ou total, por qualquer meio. Lei Nº 9.610/1998 - Lei dos direitos autorais. 2021. Escrito e produzido no Brasil.

"In Memorian"

A reedição deste livro é uma homenagem póstuma à autora *Nancy Aragão* que está sendo prestada por seus filhos, noras, netos e bisnetos, e só foi possível graças ao empenho diuturno de sua neta Daniela. Acredito que de onde ela estiver deve estar muito satisfeita com o trabalho e cantando uma música que ela fez para a Dani: "Daniela é uma boneca..."

Mariana Aragão de Miranda *(in memorian)*
Roberval Aragão de Oliveira
Marise Moreira de Souza Aragão de Oliveira
Murilo Aragão de Oliveira
Francisca Pereira Aragão de Oliveira
Thomaz Aragão de Miranda
Paloma Calandrini Aragão
Roberval Aragão de Oliveira Filho
Maria Gorette Lourenço da Silva Aragão
Daniela Moreira de Souza Aragão de Oliveira
Carolina Moreira de Souza Aragão de Oliveira
Ana Carolina Teixeira Aragão de Oliveira
Maurício Calandrini Aragão

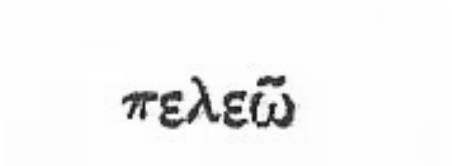
Nancy & Chiquinho

Chiquinho,

Talvez de um barco a navegar no espaço, você tenha colaborado neste livro.

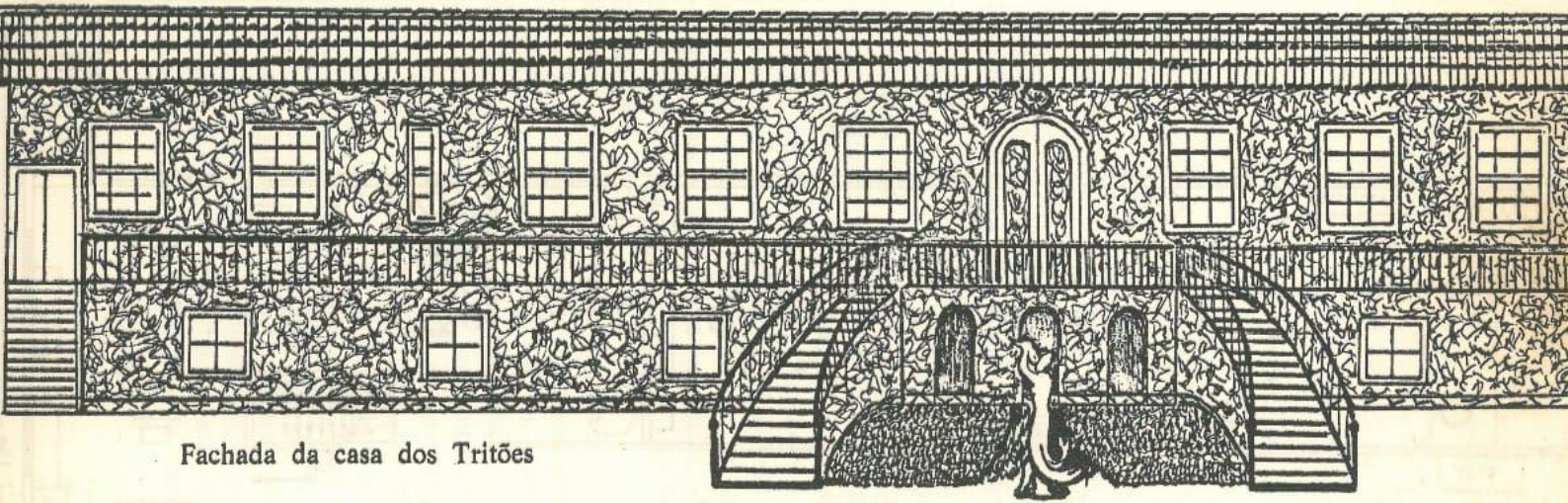
Parte I

A CASA DOS TRITÕES

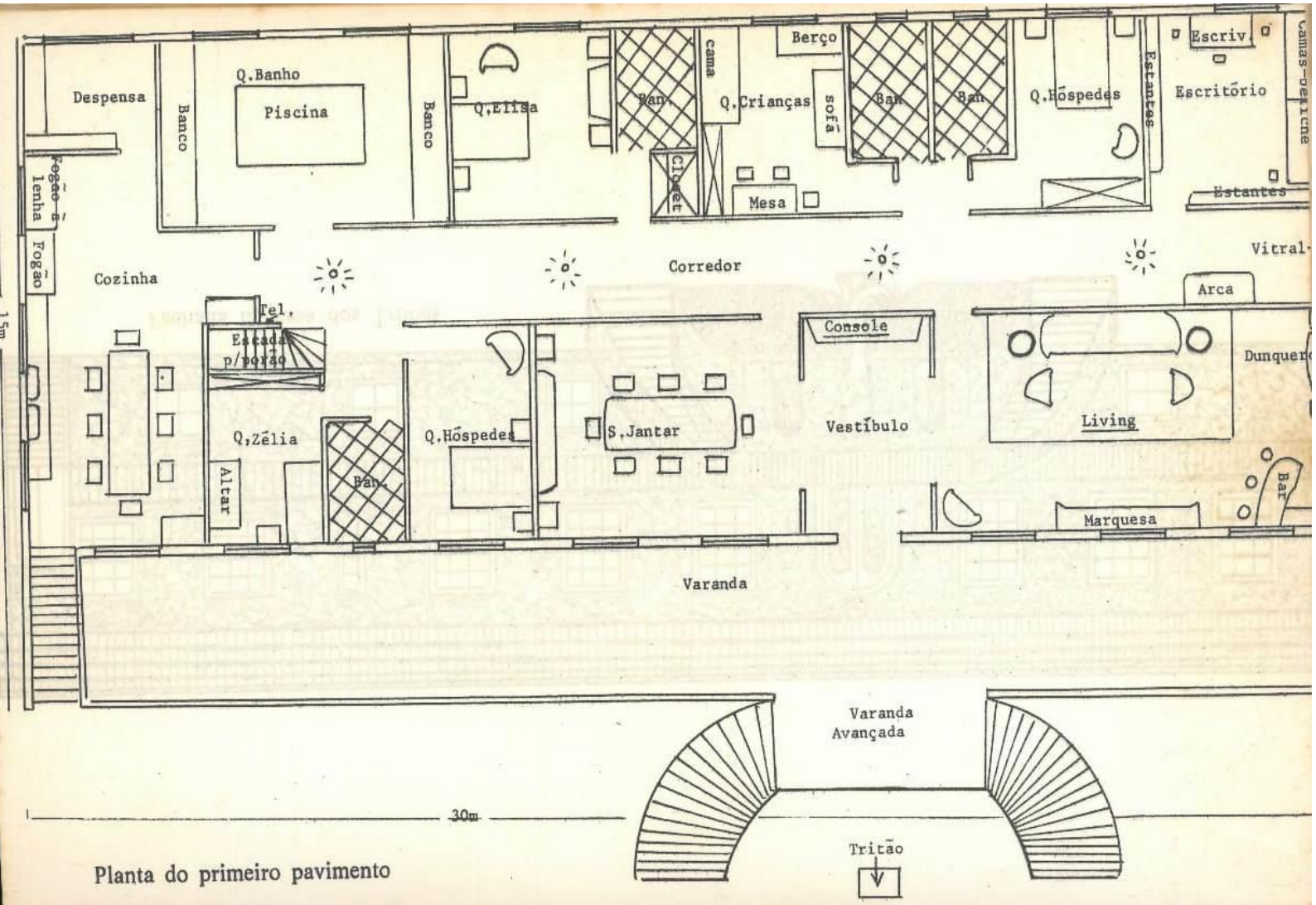


"- Ó tu, que vens das dores à morada:
Olha como entras e em quem'stás fiando; Não te
engane do entrar tanta largueza!"

Dante – Divina Comédia - Inferno - Canto V
(Tradução de J.P.Xavier Pinheiro)



Fachada da casa dos Tritões



Planta do primeiro pavimento

– 1 –

Cerca de oito horas, Elisa acordou. Estranhou a ausência de Reinaldo. Ainda não conseguira acostumar-se. Só depois, lembrou que ele ficara mais uma vez na clínica.

O marido realizara seu sonho – Clínica Médica Doutor Reinaldo Pinheiro, Psiquiatria e Psicologia. Efetivada a partilha do inventário da mãe, ele adquirira o imóvel, lá no final da Av. Sernambetiba, no Recreio dos Bandeirantes. A Barra ia expandir-se, cada vez mais, dizia. Antes mesmo de chegarem a 1990, aquilo tudo ia ser um dos maiores centros urbanos do Rio de Janeiro. Tinha visão o marido. Só não calculara bem os custos. As instalações haviam-lhe saído muito mais caro do que imaginara. Fora preciso o pai ajudá-lo com recursos próprios. – Ah, se não fosse o Comandante, nem bom pensar.

Não iriam faltar pacientes. Reinaldo, desde que se formara fora assistente do Dr. Rui Jafet, um dos maiores psiquiatras brasileiros, diretor do Hospital Charcot, no Leblon. Adquirira renome. O marido justificava suas ausências. No princípio, antes de completar a equipe de psiquiatras e psicólogos, iria ser assim. Depois, as coisas melhorariam. Principalmente, quando se mudassem para a Barra. Ah... a mudança para a Barra! Elisa começava a desanimar. O dinheiro da venda do apartamento, em Copacabana, não estava dando para a aquisição da sonhada casa. Todos os sábados e domingos, às vezes, durante a semana, quando Reinaldo tinha alguma folga, lá iam os dois, jornais debaixo do braço, à busca da casa. Regressavam cada vez mais desanimados. Quando gostavam de alguma, seu preço ultrapassava em muito o que possuíam. Assim, iam procurando lugares cada vez mais distantes da Barra. Reinaldo já falava em desistir da casa e se

conformarem com um apartamento. Mas Elisa resistia... Não abriria mão do sonho que, de uns tempos pra cá, a empolgava. Criar os filhos como fora criada, com largueza. Ter chão de terra sob os pés, horta sem agrotóxicos, ovos frescos, flores no jardim.

Levantou-se e começou a arrumar o quarto. Ouviu a voz da mãe, lá na sala, e o choro de Marquinhos. A situação agravava-se dia a dia. A convivência com a mãe ia se tornando insuportável. Mais uma vez, veio-lhe a incômoda sensação de culpa. Antes de vender o apartamento, devia ter se informado sobre os preços das casas na Barra. Precipitara-se, realmente. Mas não resistira a excelente e inesperada oferta à vista. Muita coincidência. Sequer anunciara o apartamento. Um advogado a procurou pelo telefone, indagando se pretendia vendê-lo. Um cliente seu estava interessado. Gostara demais do prédio. A pedido deste, resolvera telefonar para todos os moradores para informar-se da possibilidade de venda. Aquilo caíra do céu. Até Reinaldo, contrário à venda do apartamento, achara que não poderiam perder a oportunidade.

Elisa trocou a roupa. Júlia desaprovava se andasse de roupa de dormir pela casa, "sua casa". Isso a mãe não dizia, mas pensava. Elisa tinha certeza. Na verdade, haviam transtornado a vida da mãe, vindo para ali com malas, filhos pequenos, babá e cachorro. Pobre Rex. Estava ficando neurótico, limitado à pequena aérea do apartamento da mãe. Absurdo, na opinião dela, manterem cachorro em apartamento. Principalmente um pastor alemão.

(Oh, meu Deus, quando conseguiriam achar a bendita casa!)

Júlia embalava Marquinhos na velha cadeira de balanço austríaca, onde o pai, outrora, embalara Elisa. Desde o casamento, a mãe jamais trocara móveis nem se desfizera de nenhum, exceto

aqueles levados por Elisa, quando se casara. A velha e sólida mobília combinara tanto com o sobrado da Tijuca, onde esta e seus irmãos haviam sido criados. Agora, atravancava o apartamento da mãe, em Copacabana. Não que Elisa desgostasse dos móveis. Pelo contrário, eles, talvez, fossem a razão de sua mania de antiguidades e velharias, tão criticada pelo marido, adepto de móveis funcionais e claros. Mas, naquele apartamento de cômodos poucos espaçosos, o tamanho dos móveis impedia até a circulação. Mal se podia andar ali.

- Bom dia mamãe, onde está Clarisse?

- Foi com Zélia até a praça. Estava impossível – retrucou, sem retribuir o bom dia – Marquinhos também está impossível. Só quer colo.

(Também, ali não havia espaço para Marquinhos engatinhar ...)

- Reinaldo telefonou – continuou a mãe – na hora do almoço, você deve ir à Clínica. Quer que vá com ele ver uma casa. Não vai poder vir buscar você.

- Poxa! – desabafou – Eu vou ter de ir até a Barra de ônibus. Depois, tomar um táxi para a Clínica. Reinaldo bem que podia vir me buscar. Sabe muito bem que meu carro está na oficina.

Logo se arrependeu do que dissera. Triunfante comiseração estampou-se no rosto da mãe.

- Eu não falei? Só assim você já pode calcular as dificuldades que vai enfrentar. Sair de Copacabana para morar lá naqueles cafundós. Se ainda fosse na Barra. Mas lá na Rio-Santos,

onde vocês têm procurado ultimamente... Vão acabar em São Paulo. Essa é que é a verdade. Só na cabeça de Reinaldo. Deixar um emprego garantido na Zona Sul, onde ganhava bem e um consultório já montado, para se meter nessa aventura que, talvez nem dê certo. Aliás, não vai dar certo. – Falava às pressas, ofegante, engolindo as últimas sílabas, sacudindo Marquinhos em balanço acelerado. – Ninguém me tira da cabeça que Reinaldo não tenha metido, na Clínica, dinheiro da venda do seu apartamento. Só pode ser isso. De outra forma, não teria feito você vendê-lo, com tanta precipitação. Pela primeira oferta. E bem ruim, diga-se de passagem.

- Espere aí! – atalhou. – A senhora sabe muito bem que Reinaldo não tocou no dinheiro do apartamento. Está até rendendo bons juros. Só gastou o que recebeu do inventário de Dona Dalva. A senhora sabe muito bem que o Comandante vem ajudando Reinaldo. Ele é um excelente pai.

- E, por acaso, não sou uma excelente mãe? Não dei um apartamento para cada filho? Se não fiz a partilha do inventário de seu pai, foi porque vocês não quiseram.

- Claro, mamãe – apressou-se a dizer – não estou querendo falar que a senhora não é uma boa mãe. É que a senhora cansa. Repete mil vezes a mesma coisa.

- E vou repetir, não tenha a menor dúvida. Então, Reinaldo faz você vender seu apartamento, seu patrimônio, por qualquer preço, e eu vou ficar calada? Então, Reinaldo joga seus belíssimos móveis num guarda-móveis, e eu não posso falar nada?

Elisa não respondeu e dirigiu-se ao banheiro. Não fora à toa que o pai não aguentara. Quem podia suportar? A mãe...

quando começava a falar... Helena e Gustavo não haviam entendido a separação dos pais, depois de tantos anos de casados. Mas ela entendera. Reinaldo também não estava suportando mais. Muito arrependido de ter concordado com a venda precipitada do apartamento. Falava até em irem para uma pensão, malgrado a falta de conforto que seria para as crianças, malgrado o Rex.

A voz da mãe acompanhou-a num crescendo.

- Reinaldo foi muitíssimo precipitado. Até parece que a Clínica fica em outro Estado. Até parece que não pode ir todos os dias de Copacabana ao recreio dos Bandeirantes. Até parece que não tem carro. Grande consideração ele tem por você, isso é o que é. Aliás, ele não tem consideração por ninguém.

Vontade veio a Elisa de perguntar-lhe: Quem foi que quase me obrigou a casar, quem? Ficou só na vontade. A pergunta provocaria outra enxurrada de palavras. Trancou-se no banheiro, completamente desanimada. Não adiantava argumentar. A mãe jamais se convenceria. Quantas vezes já tinha repetido. Não fora a Clínica a causa da mudança. Não fora Reinaldo que a fizera vender o apartamento. Ela, sim, somente ela resolvera vendê-lo, depois que começara a sonhar com uma casa com quintal, onde criaria galinhas e cultivaria uma horta.

Marquinhos chorava aos berros. – Pudera, tinha mesmo de chorar. Toda aquela agitação. Oh, Deus, fazei com que possamos comprar a casa que vamos ver na hora do almoço.

* * *

Mal saíram da Clínica e entraram no carro, Reinaldo foi falando do proprietário da casa, o Capitão Giovani, seu mais novo paciente. Aposentado da Marinha Mercante, de nacionalidade

italiana, radicado no Brasil. Ninguém o enviara à Clínica. Afirmara conhecer Reinaldo de nome. Internara-se voluntariamente. Tinha recursos. Não propriamente um doente mental. Apenas problemas existenciais relacionados com solidão. Mas um pouco perturbado. – Quem, em sã consciência, poderia preferir um hospital a um hotel? – Fora o que afirmara ao internar-se: "Ali, pelo menos não se sentiria tão só." O Capitão poderia muito bem submeter-se a psicoterapia, em regime extra-hospitalar. Mas não: Preferia internar-se. Condicionara, inclusive, seu tratamento à internação. Na atual conjuntura, com tantos compromissos ainda por saldar, Reinaldo não estava em condições de rejeitar um paciente. Uma coisa Reinaldo não sabia explicar. Como o Capitão tivera conhecimento de que procurava uma casa. Viera com a oferta, sem mais aquela. Concordara imediatamente com o que ele, Reinaldo, afirmara possuir. Se Elisa gostasse da casa, chamaria Gustavo para examinar a papelada. Para isso serviam os parentes advogados, não era? Estava um pouco desconfiado. Talvez o Capitão fosse interditado e ocultasse o fato. Tivesse parentes. Reinaldo também queria saber se, naquela circunstância, seria ético adquirir alguma coisa do Capitão. Apesar de ele não ser o seu paciente, mas de Célio, o novo psicólogo contratado. Gustavo esclareceria tudo. Confiava inteiramente na competência profissional do cunhado. – Outra coisa curiosa. A casa tinha um nome. Chamava-se "Casa dos Tritões". Quanto a esse particular, o Capitão fora reticente. Informara apenas que o nome se devia a certas obras de arte existentes na casa.

- Tritões são uma espécie de golfinho estilizados, não são? – perguntou.

Elisa não respondeu logo. Sorriu. Ah, a cultura do marido deixava muito a desejar. Tão diferente do Comandante, que esbanjava cultura. Lembrou-se do pai que, um pouco antes de morrer, lhe apontara esse senão, quanto ao marido. Não podia admitir um psiquiatra restrito a conhecimentos médicos. “Só as ciências humanas, as letras, as artes podiam explicar a loucura”, dissera o pai.

- São golfinhos estilizados ou não são?

- Não Reinaldo. Tritão é outra coisa.

- O que é então?

- Existem tritões e o Tritão.

- Vamos lá! Explique logo. Estou curioso.

- Bem. Tritões eram gênios marinhos do séquito de Anfitrite.

- Anfitrite?

- Anfitrite era a mulher de Poseidon, deus do mar. Poseidon corresponde ao Netuno dos romanos. Era irmão de Zeus.

- Netuno e Zeus eu conheço. Quero saber dos tritões.

- Olhe. Em criança, eu sabia quase tudo sobre deuses e heróis gregos e romanos. Mas agora, não sei se lembro direito. Há muito não leio nada sobre mitologia. Vamos ver. Os tritões eram meio homem e meio peixe. Assim como as sereias, sabe?

Elisa interrompeu-se para acender cigarros. Colocou o do marido, já aceso, em sua boca. Depois continuou:

- Os tritões seguiam o cortejo de Anfitrite, saltando sobre o mar, com brincadeiras lascivas, soprando búzios ou grandes conchas afuniladas. Emitiam sons retumbantes. Simbolizavam as ondas do mar. Eram muito eróticos.

- E o Tritão?

- Era um deus marinho, um subdeus. Filho de Poseidon e Anfitrite. Muito libidinoso, também. Vivia fazendo estripulias junto de um lago... não lembro o nome. Mas, se você quiser, quando chegarmos em casa, eu procuro num livro que foi do papai, muito bom.

- Não estou interessado no nome do lago. Que estripulias eram essas?

- Raptava mulheres. Sabe para quê? – perguntou maliciosamente.

- Para dar umas "trepadinhas", não? – indagou, sorrindo, olhos cintilantes de malícia.

- Isso mesmo. Por isso, os pescadores o degolaram a machadadas. Antes, embriagaram o Tritão com vinho. Ele gostava muito de vinho. Roubava também rebanhos dos camponeses.

- Um deusinho bem delinquente, hein, Elisa? Bem marginal.

- Para lembrar esse fato puseram, num templo de Dionísio, em... Esqueci o nome. Mas puseram lá uma estátua de um tritão sem cabeça...

- Dionísio era o deus do vinho, não era?

Não esperou resposta. Pisou no freio e na embreagem e parou no acostamento.

- Vamos perguntar naquela barraca se já ouviram falar na "Casa dos Tritões".

Ninguém soube informar.

***

Percorreram tantos quilômetros da Rodovia Rio-Santos, que Elisa sorriu, lembrando o exagero da mãe, quanto a chegarem a São Paulo. Atravessaram um túnel. À medida que começavam a subir, muito antes de avistarem a capela em ruínas, ponto de referência fornecido pelo Capitão, não puderam perguntar pela casa a mais ninguém. Ermo total. A capela situava-se a uns trezentos metros, numa estrada transversal, sem calçamento, em declive acentuado, à esquerda da rodovia. Ninguém nas circunvizinhanças. Reinaldo disse:

- É melhor a gente desistir. Olha. Nós já rodamos... Pelo jeito, vamos rodar muito mais. O Capitão informou. A casa fica perto do mar. Se, aqui, já não se vê ninguém, imagine o que não vamos encontrar lá adiante.

- Ah, Reinaldo – pediu – não vamos desistir agora. Estou morta de curiosidade.

Reinaldo prosseguiu. A alguns quilômetros à frente avistaram a ponta de uma torre de igreja, cerca de duzentos metros da rodovia. Freou o carro. Deu marcha ré e tomou a rampa de terra. Chegaram a um lugarejo deserto. Mato crescido nas ruas estreitas e esburacadas, junto das pequenas casas de taipa. Ninguém visível no seu interior. A torre, uma das duas que a igreja

tivera outrora. A outra ruíra. O que restava dela estava coberto com folhas de zinco. Reinaldo estacionou o carro em frente ao que parecia ser o único estabelecimento comercial do lugar. Suas portas pintadas de azulão, paredes com calçadão descascada. Uma espécie de venda de interior, onde sandálias havaianas se misturavam a cereais. Nenhum freguês. Indagado sobre a casa, o homem atrás do balcão foi logo respondendo: "Nunca ouvi falar, moço." Retirou-se em seguida, para o interior da venda, sem esperar o agradecimento de Reinaldo, largando-os sozinhos ali.

Retornaram desanimados. Ao avistar novamente a capela em ruínas, Reinaldo decidiu-se a uma última tentativa, já admitindo a possibilidade de a casa nunca ter existido senão na cabeça do Capitão. Deixou a rodovia e entrou, à direita, na estrada sem calçamento. Ultrapassaram a capela. Andaram uns quilômetros. Passaram por pequenas casas de taipa abandonadas. Dali em diante, a estrada precipitava-se, num declive mais forte, em direção a uma pequena enseada, eriçada de rochedos. Reinaldo parou o carro. Lá longe, à esquerda na praia, dois pescadores tentavam desencalhar o barco, arrastado para ali com toda a certeza, pela corrente submarina, nítida faixa escura no mar esverdeado, em diagonal à praia. Dirigindo cautelosamente, começou a descer o caminho sinuoso em que a estrada se transformara, procurando aproximar-se o mais possível da praia. O resto do percurso fez a pé até chegar junto aos pescadores. Do carro, Elisa viu-os apontarem à esquerda em direção à capela, mostrando um itinerário, através de gestos bruscos, parecendo nervosos. Observou. Quando Reinaldo vinha regressando, os pescadores, como se tivessem adquirido novas forças, conseguiram arrastar o barco para o mar. O marido ainda não chegara junto ao carro e os pescadores já se afastavam em enérgicas remadas, como se estivessem fugindo de alguma coisa.

Reinaldo acendera um cigarro e parecia satisfeito. Dando partida no carro, disse:

- Mostraram o mapa do tesouro. Vamos lá.

Virou à direita, tomando uma trilha paralela à orla marítima. Depois da primeira curva, começaram a descer. Reinaldo jogou fora o cigarro e, soerguendo-se no banco, inclinou-se para a frente, apertando tanto o volante, que as juntas dos dedos começaram a empalidecer. O caminho arenoso e esburacado, estreitara-se. Não tinha acostamento. De um lado, rochedos a prumo. Do outro, plantas rasteiras e o vazio. Não havia como regressar. A não ser, de marcha ré. Se viesse outro carro...

- Bom lugar para pescaria, não é, Reinaldo? – comentou, Elisa, tentando encobrir o medo e aliviar a tensão do marido. – O mar, aí embaixo, deve ser bem fundo.

- Bom lugar também para uma derrapagem – retrucou entre dentes, em tom de piada de humor negro.

- Meu deus, você tem cada ideia! – exclamou. Acendeu um cigarro, sem oferecer ao marido. Segurou a nuca com a outra mão e encolheu-se no banco, espiando com rabo de olho as ondas revoltas, muito próximas. Onda maior, chocando-se às rochas, salpicou-lhe o rosto. Encolheu-se ainda mais e levantou apressadamente o vidro da porta do carro.

O caminho alargou-se. Ambos suspiraram. Reinaldo pediu um cigarro e falou:

- Na volta, não viremos por aqui. Os pescadores me informaram. Existe outro caminho muito melhor do que este. Tem algumas curvas, é mais longo, mas vai dar direto lá em cima,

na rodovia. – Depois de uma pausa, acrescentou, meneando a cabeça – Mas só você mesmo, Elisa. Só você me faria entrar numa aventura dessas.

- Poxa, Reinaldo! Até parece que fui eu que inventei de ver a casa – rebateu, espalmando as mãos para a frente.

- Mas eu queria voltar desde o início. Você insistiu. E insistiu.

- Ah, Reinaldo, não vamos discutir agora. O perigo já passou. Você é um ótimo motorista. Uma tranquilidade.

(Pois sim que é uma tranquilidade. Nunca tive tanto medo...)

Tomaram novamente à direita. A estrada surpreende-os. Ladeada à esquerda por cerca viva toda florida, tinha o piso ensaibrado e muito bem conservado.

- Os pescadores informaram que essa cerca contorna toda a propriedade – disse Reinaldo.

- Essa cerca já é da casa?

- Foi o que disseram.

- Mas, então, não é uma casa. É um sítio. Olha como a cerca segue junto aos rochedos. E, deste lado, como vai até lá em cima. Veja as flores. Parecem pompons esfiapados. Que lindo! – exclamou. Depois de uma pausam indagou – Você está mesmo certo de que o Capitão concordou com o que disse que tinha?

- Já não falei? Foi logo concordando. Mas começo a desconfiar. Ele disse mais. A casa tem até piscina e telefone.

- Piscina?!!! Telefone? E esse terreno todo? Quantos metros quadrados?

- Isso o Capitão não soube informar. Coisa de gente rica. Nem sabem direito o que possuem.

Começaram a subir. Chegaram a um pequeno platô, encravado na encosta. Dali, a estrada continuava e a cerva viva também, até desaparecerem numa curva. Mais ou menos no centro do platô, o largo portão gradeado, de duas bandas, logo justificou o nome da casa. Aquelas faces ligadas às grades, fundidas em bronze, como máscaras mortuárias, só podiam representar tritões. Avistaram pequena edificação moderna, num plano elevado, em meio as copas das árvores. Apontando para a edificação, Reinaldo disse:

- É melhor a gente voltar. Não vamos prosseguir. Acabar logo com essa aventura de caça ao tesouro. Veja a casa, Elisa. É muito pequena. E como está lá no alto. Já pensou? A Zélia, subindo e descendo toda hora com as crianças? Em menos de um mês, está morta.

- Ah Reinaldo, essa não! Agora, vamos ver a casa. Rodamos tanto. Gastamos tanta gasolina. Tivemos momentos de *suspense*... Não vamos desistir agora. Se a casa for habitável... a construção é bem moderna. Dá pra ver daqui. Se for esse preço... Só o terreno vale mais. É um sítio, Reinaldo. Será que ainda não viu isso? – concluiu com entusiasmo.

- Está bem, Elisa. Está bem – concordou, mal-humorado.

Desceram do carro. Reinaldo parou em frente ao portão. Deu uma profunda tragada no cigarro e expeliu a fumaça, enquanto observava as faces esculpidas e fixadas nas grades. No

bronze sombrio, olhos abertos e atentos, narinas dilatadas, lábios grossos, deixando entrever dentes pontiagudos e serrilhados como os dos tubarões, os semblantes dos tritões tinham expressão torva, malévola. Pareciam vivos e alertas. Os vigilantes, pensou Elisa, admirando a perfeição da escultura.

- Vamos voltar para o carro – insistiu Reinaldo. – Isso parece muito abandonado. A casa é pequena. O acesso é difícil. Longe demais do comércio, da Barra de tudo. Isso aqui é um fim de mundo.

Elisa já estava empurrando uma das bandas do portão. Não havia cadeado ou fechadura.

- Sabe? – disse Reinaldo, empurrando a outra banda do portão. – O Capitão contou que aqui não há ladrões. Não é incrível? Na época atual? Agora, esse portão sem cadeado vem confirmar suas palavras.

Retornaram ao carro e penetraram numa estreita passagem. Recobriam-se nas pedras triangulares, cortadas irregularmente. Dos interstícios, saltava uma espécie de grama fina. Reinaldo dirigia devagar, olhando tudo com evidente má vontade. Velhas mangueiras, sobrecarregadas de parasitas. Suas copas lembravam cabeleiras desgrenhadas. Pés de jambo, de compacta folhagem. Centenas de frutos maduros, caídos, formavam em torno dos grossos troncos, sobre o capim rasteiro, círculos vermelhos, como tapetes sanguinolentos.

- Não falei que era um sítio? – exclamou Elisa, cada vez mais entusiasmada. – Que maravilha! Quantas árvores! Nada de poluição!

No final da trilha, maciço de pés de papoulas vermelhas. Depois, a casa.

Entreolharam-se emudecidos de espanto.

A pequena edificação, vista lá de fora, não era a casa.

Saltaram do carro, ainda em silêncio. Só o ruído das ondas, quebrando-se lá embaixo, nas rochas, se fez ouvir. Nenhum chilrear de pássaros. Nenhum bater de asas.

A trilha terminara no terreno plano e retangular, todo gramado. Este se estendia para os dois lados. A uns trinta metros, à esquerda, renque de arbustos floridos limitava o platô. Logo após, o terreno precipitava-se. Copas frondosas de grandes árvores e casuarinas impediam a visão dos rochedos e do mar, lá embaixo. À direita, cerca de vinte metros, a casa. Ficava de frente para a direção do mar e não para a trilha de entrada. Elisa refletiu: ou o Capitão está doido de pedra ou isso não lhe pertence. Estou bem a par dos preços das casas, depois de tantas andanças. Nosso dinheiro não dá para comprar sequer o terreno, quanto mais essa mansão. Como um eco aos seus pensamentos, Reinaldo murmurou:

- Não deve pertencer ao Capitão. Se pertence, ele é interditado.

Retangular, maciça, imensa, recoberta de hera, a casa situava-se embaixo do plano elevado, onde estava a edificação moderna, vista de fora.

- Se a propriedade é dele, o homem está mesmo “biruta”.

- Isso é modo de um psiquiatra falar?

- “Birutíssimo” - respondeu. Depois de refletir um pouco, continuou – Quer dizer que aquela edificação moderna é o que nosso “biruta” chamou – e com profundo descaso – de “dependências de empregados”. Veja só. Duas excelentes casas. Dá para notar daqui. É. Agora entendo. Ele fez muito bem em se internar. Estou também curioso. Será que a chave que o “biruta” me deu vai abrir a porta?

Encaminharam-se em direção à casa. O pavimento inferior, uma espécie de porão habitável, quase um primeiro andar. Larga varanda, de gradil de ferro dividia a fachada do pavimento superior. As duas partes dessa varanda encontravam-se, um pouco à direita, com outra varanda retangular avançada, de uns seis metros, de cujos lados desciam escadas curvas, formando, embaixo, um semicírculo. Debaixo da varanda avançada, havia três arcos pequenos, como túneis, cujo fundo eram janelas do porão. Aqueles arcos trouxeram a Elisa angústia que não teve tempo de definir. Como veio, foi-se numa fração de segundo. No centro do semicírculo, em pequeno pedestal representando rochas, um tritão ereto, todo em mármore branco, do tamanho de um homem alto, soprava grande búzio. Acercaram-se vagarosamente da estátua. Bem diferente das máscaras mortuárias do portão. Seu semblante, extremamente belo. A cabeça delicada, lançada para trás. Traços puríssimos traduziam a expressão de êxtase profundo, extremo prazer erótico. Músculos delineavam-se, em anatomia perfeita, no corpo flexível. Veias intumescidas, no pescoço, demonstravam o esforço no soprar o búzio. Parecia respirar. No lugar de pernas, duas vigorosas caudas, recobertas de escamas. As caudas não eram rastejantes. Erguiam-se. Empinavam-se como as dos golfinhos, ao saltarem sobre as ondas. Tinham movimento e graça. Os dedos terminavam em longas unhas aduncas, verdadeiras garras.

Órgãos sexuais humanos e volumosos. O pênis, enrijecido, alçado como uma lança, colava-se ao ventre musculoso.

Jogando o cigarro no gramado e amassando-o com o pé, Reinaldo resmungou:

- Se essa casa fosse minha, tirava logo esse troço imoral daí.

Elisa fingiu não ouvir. Olhos fixos na estátua. Fascinada. – Onde estaria o original daquela cópia? Só podia ser uma cópia, uma excelente cópia. Em que museu? – Ela que percorrera tantos... – Em que ilha grega, zelosamente guardado? – Sim, porque ali se ostentava toda a leveza e expressividade da arte grega. A atitude verdadeira, os movimentos incisivos... Lembravam Praxíteles. Ainda sob aquela emoção de deslumbramento, acompanhou o marido. Do alto da varanda, descortinava-se o oceano, até a linha do horizonte. Mesmo dali, não se via a praia nem os rochedos. Encimava o portal de granito, brasão trabalhado em bronze, representando dois tridentes entrecruzados, sob pâmpanos. Em cima, estranhos caracteres, em baixo-relevo: πελεῶ

- Isso é grego, não é, Elisa?

- Não sei... parece – respondeu distraidamente.

Entalhadas na madeira pesada e espessa das duas folhas da porta, mais parreiras entrelaçavam folhas, gavinhas e cachos de uvas. Outra obra de arte, reconheceu Elisa. – Ah, se o pai estivesse vivo... Ia adorar. Um apaixonado pelo belo. Depois da separação, carregara-a consigo, para uma peregrinação pelos museus e igrejas da Europa. Os irmãos, solidários com a mãe – a separação fora traumática – reprovaram-na. Sua mãe, esta então, jamais a perdoara. Nenhum deles entendeu o quanto significava

para ela conhecer os originais daquelas ilustrações dos livros do pai. Verdadeiras coleções sobre artes plásticas de todo o mundo e de todas as épocas. Desde pequena, aqueles livros a haviam atraído irresistivelmente. Conhecia cada gravura, cada comentário.

- Veja, Elisa! A chave serviu.

O marido já abrira um dos batentes da porta. Acercou-se dela. Do interior, veio forte odor, como se fosse o hálito da casa. Elisa estremeceu. Duas lembranças afligiram-na: a capela do colégio de freiras onde fazia orações de penitência antes da comunhão; e a capela mortuária em que velara, por toda uma noite, o corpo do pai.

Era um odor de velas apagadas e flores mortas.

- Que cheiro estranho... tétrico! – Exclamou, recuando, ambas as mãos sobre o nariz.

- Cheiro de casa fechada. Só sinto isso.

- Não sente um cheiro de velas e flores?

- Não – respondeu, inspirando profundamente. – Não sinto cheiro nenhum. Quer desistir?

Inexplicavelmente, desapareceu o odor.

- É. Foi impressão minha. Claro que não vou desistir. De jeito nenhum. Só o que faltava.

Entraram num espaçoso vestíbulo. Piso de mármore branco. Arcos laterais conduziam ao interior da casa. No centro da parede, fronteira à porta de entrada, singela e comprida console, também em mármore branco.

- Veja só! – disse Reinaldo, olhando para a *console* com malevolência. – Mais parece altar de capela de cemitério. Não foi à toa que você sentiu o tal cheiro. Seu inconsciente captou a forma de *console* sem você perceber, essa percepção subliminar trouxe o tal odor.

- É... Foi impressão minha. Não estou sentindo mais nenhum cheiro.

A casa era dividida em duas alas, paralelas à sua fachada. A ala da frente separava-se da dos fundos por largo e comprido corredor. Numa das extremidades dele, à direita, não havia parede, mas imenso vitral. Elisa identificou imediatamente Poseidon e Anfitrite, num carro puxado por tritões. A outra extremidade do corredor, à esquerda, terminava na porta da cozinha.

- Isso mais parece um hospital ou um museu – observou Reinaldo mal-humorado. – Esse aí, com cara de profeta e de tridente em punho, só pode ser o tal do Poseidon. Anfitrite é muito gorda. Não ganharia nenhum concurso de beleza atual. – Arqueou as sobrancelhas, como se estivesse lembrando qualquer coisa, e continuou – Você disse que os tritões saltavam sobre as ondas. Aqui, estão atrelados ao carro.

Elisa não respondeu. Dominada por grande excitação já percorria os cômodos da ala da frente. Ladeando os vestíbulos, dois salões. Depois, vinham dois quartos, com banheiro num pequeno hall comum. Junto da cozinha, escadas, o telefone, de um modelo bem antigo. Na ala dos fundos, uma suíte e três quartos, servidos por dois banheiros, também em hall comum; e outro cômodo, próximo à cozinha, cuja porta estava trancada. Todos os banheiros, menos o da suíte, haviam sido construídos depois da casa, talvez com sacrifício de outros cômodos. Tetos rebaixados e

instalações novíssimas. Tudo imaculado, rescendendo a limpeza. As tábuas corridas do assoalho reluziam. Nada de poeira. Mofo, em parte alguma. Nenhuma barata.

- Veja que coisa estranha – disse Elisa, perplexa, mas aliviada, pois tinha indizível horror a baratas. – Uma casa antiga, desabitada, sem poeira, sem mofo e sem baratas.

- Na certa, o Capitão tem alguém encarregado da limpeza – comentou Reinaldo. Olhando para fora, prosseguiu – Já está começando a escurecer. Vamos tratar de sair daqui. Não conhecemos o caminho de volta e não há luz na estrada. Não dá para ver o resto. Além das "dependências de empregados", da fala esnobe do nosso "biruta", o andar térreo é mais que um porão. Tem um cômodo espaçoso e uma enorme adega. A piscina é natural, espécie de lago. Fica lá na frente da casa, próximo às rochas. A casa tem nascente própria. Isso foi o que o "biruta" informou. A garagem, nós vimos, lá na entrada. Dá para três carros.

***

Quase noite, quando atingiram a rodovia. Nenhuma dificuldade em chegar ali. Fora só seguir a estrada ensaibrada. Elisa procurou fixar o local de sua saída, na rodovia, tomando como referência o imenso pé de ficos, de tronco rugoso e retorcido, que ali se erguia.

Reinaldo mantinha-se calado na direção. Elisa, espiando pelo canto dos olhos disse:

- Escute. Se o Capitão é mesmo o dono, se não está interditado, se concordou com preço, se fechar o negócio, você não terá remorso? Por esse preço, o sítio está de graça.

- Remorsos? Eu? Por que teria remorsos? Problema lá dele. Nem falei que procurava casa. Ele veio com a proposta de venda, sem mais aquela. Foi logo aceitando o que eu disse que tinha. Não. Não teria o mínimo remorso.

- Se for assim, você compra a casa, não compra?

- Compraria para investimento se não estivéssemos precisando tanto de uma casa para morar. Se sua mãe não falasse tanto... Mas como temos urgência em mudar, não posso pensar em comprar a casa.

- Como assim? A casa é ótima. É um sítio. Está de graça.

- Para morar, não.

- Ora essa – disse Elisa, arregalando os olhos e levantando as sobrancelhas. – Claro que a gente iria morar lá.

- Morar coisíssima nenhuma – tornou, com voz áspera – Esta casa não serve para morar. Local ermo, de difícil acesso, distante mais de uma hora da Barra. Como iria trabalhar sossegado, deixando você sozinha com as crianças e a tola da Zélia?

Elisa voltou-se para ele.

- Você esquece – pôs-se a enumerar com os dedos – que tenho carro. Não trabalho fora. As crianças não estão na idade escolar. Clarisse detesta o jardim de infância. Só tem cinco anos. Quando fizer, seis, até lá, a Clínica vai permitir que a gente alugue um apartamento em lugar mais acessível ou central. Aí, o sítio ficará para os fins de semana. É um ótimo investimento, Reinaldo. Não podemos perder essa oportunidade.

- Que é um ótimo investimento, eu sei. Não estou falando sob esse aspecto. Só que agora não posso pensar em investimentos. Não vou deixar você sozinha com...

Abrindo os braços e espalmando as mãos, Elisa interrompeu-o:

- E o seu pai? Seu pai está na reserva. Pode muito bem vir morar conosco. Vai adorar. Está sempre falando em criar galinhas e ter uma horta. Poderá fazer tudo isso no sítio. Anda muito triste depois a morte de Dona Dalva.

- Não apele – advertiu, fechando a cara.

- É isso mesmo – continuou tomando fôlego. – Seu pai pode vir morar conosco. Podemos até contratar uma família de caseiros de confiança. Comprar outro cachorro, uma fêmea, da mesma raça do Rex. Até quem sabe, pensar num canil, de sociedade com o Comandante. Acho melhor do que criar galinhas. Você sabe. Eu me entendo às mil maravilhas com seu pai.

- Continua apelando – tornou, expressão ainda mais fechada.

- Não estou apelando. É a pura realidade. Não sei se você notou. A Clínica fica mais próxima da casa do que do centro da Barra.

- Que é isso? Será que não tem noção de distância? – retrucou zangado. Depois, começou a enumerar nos dedos da mão livre do volante, imitando Elisa, mas com exagero – A casa é antiga. Deve ser úmida por causa da hera. E grande demais para a gente. Sabe-se em que estado estão os encanamentos, a fiação, o madeirame do telhado e do porão. O forro não é de laje... Depois...

pobre, quando vê muita esmola desconfia. Com tudo isso, a casa está de graça.

- Por isso mesmo é que devemos comprar. Depois, você está de má vontade. Será que não viu? Havia água em todas as torneiras. Tudo, em ótimo estado. Nenhum mofo.

- Ora, Elisa, mas será possível! – exclamou ainda mais zangado. – Será que não viu que a casa mais parece um museu? Um cenário de filme de terror? Com todas aquelas figuras medonhas e imorais? Até aquela capela de cemitério?

- Já vi tudo – tornou, dando uma gargalhada forçada. – Quer saber de uma coisa? Tiramos todos os tritões da casa, está bem? Tiramos a console, certo?

Reinaldo não respondeu.

- Poxa, Reinaldo – continuou com voz doce e lamurienta – não compramos a casa, ou melhor o sítio. Nem vamos poder comprar, tenho certeza. E já estamos brigando.

- Está bem Elisa, está bem. Não vamos brigar – disse, ainda zangado.

- Mas, se for esse preço mesmo, é um excelente negócio, não é?

- É Elisa. É um excelente negócio. Somente uma coisa – acrescentou, num sorriso forçado – não vamos comprar a casa, está bem? Não é à toa que Clarisse é tão teimosa. Tem a quem puxar.

Mantiveram-se em silêncio durante o resto da viagem. Reinaldo parecia imerso em profundas reflexões e nada

agradáveis, em face de sua expressão sombria. Elisa fingia não perceber, olhando todo o tempo para a estrada. Pensava. Se comprassem a casa, não só iriam morar nela, mas também o sogro. – Ah... adorava aquele sogro... – E também não removeriam nada. O que é que não conseguia do marido? Vencia sempre pelo cansaço. Os tritões, esses então, não poderiam ser removidos de jeito nenhum. Fora o que mais a entusiasmara, na casa. Principalmente, o Tritão ereto, com seu búzio.

***

De comum acordo, não comentaram nada com Júlia. Já estavam no quarto, quando ela, acompanhada pelas crianças e Zélia, retornou da casa de Gustavo, onde tinha ido jantar. A mãe logo se trancou no quarto. As relações entre eles deterioravam-se dia após dia.

Depois que as crianças adormeceram, lá no outro quarto, com Zélia, os dois começaram a conversar em voz baixa, esquecidos do desentendimento. Indagavam-se se o Capitão podia ou não podia vender a casa e se tinha entendido direito o valor da importância que possuíam, quando Reinaldo a mencionara. Concordavam inteiramente. Se o preço fosse aquele, a casa era um negócio fora de série. Discordavam, quanto à compra da casa para moradia. Afinal, Reinaldo falou, olhando atentamente para Elisa:

- Ouça bem. Na hipótese de estar tudo certo, o que eu não acredito; mas, se estiver, não podemos comprar essa propriedade. Precisamos de uma casa para morar, imediatamente. Antes que haja algum aborrecimento mais sério com sua mãe. Não podemos pensar em investir nosso dinheiro, nem alugar um apartamento, agora, com tantos compromissos a saldar, por causa da Clínica. Você entendeu bem? Não vamos comprar a casa.

- Mas Reinaldo...

- Nem mais nem menos – declarou, taxativo. – Vamos dormir. – Depois, voltou-se para o outro lado da cama. Sinal infalível ia fazer o que dissera. Passados alguns minutos, sem virar-se, murmurou quase para si mesmo – E a porta fechada?

Apesar das duas pílulas tranquilizantes, só muito mais tarde Elisa conseguiu adormecer. Lhe tumultuavam a mente, mil planos sobre a casa; entre eles, o modo como conseguiria convencer o sogro a acompanhá-los.

***

Elisa despertou com batidas na porta. O coração pulsava acelerado e o corpo eriçava-se, num arrepio. Estivera tendo um pesadelo. Lembrava-se vagamente de tritões, soprando búzios atrás da porta trancada, e baratas a passear pelo seu corpo. A mãe batia na porta. Havia um certo Capitão Giovani ao telefone. Tinha urgência de falar com Reinaldo. Só mesmo grande urgência podia justificar um telefonema àquela hora. Elisa não despertou o marido, em sono profundo. Teria que acordá-lo dali a pouco. Ela mesma atendeu ao telefone.

- É o Doutor Reinaldo? – grunhiu a voz, muito distante, com forte sotaque italiano.

- Não. É a mulher dele – respondeu, falando involuntariamente em voz alta.

- Escuta-me – sussurrou a voz rouquenha – É para saber se o doutor gostou da casa e quer mesmo comprá-la. Já estou com toda a papelada aqui, aguardando o *avvocato* dele.

- Se gostou!! Claro! Gostou muito! Claro que quer comprar a casa – viu-se respondendo, com grande entusiasmo, ante o olhar espantado da mãe.

– 2 –

No sábado seguinte, cerca de nove horas, toda a família se reuniu, no apartamento de Júlia, a fim de ver a casa. Saíram em caravana, deixando as crianças com Zélia. Ao ingressarem na Rio-Santos, Reinaldo tomou a dianteira. Somente ele sabia onde era a entrada para chegar ao sítio. Dirigia em silêncio. Não pronunciara uma única palavra, apesar dos esforços de Elisa para entabolarem conversação. Quando estava sem disposição de conversar e de mau humor, como parecia estar, não adiantava insistir. Elisa pôs-se a refletir sobre os parentes.

Logo atrás, o sogro conduzia o filho Roberto, a nora Teresa e Júlia. Elisa sabia por que o cunhado não quisera vir no seu automóvel. Adquirira em Ipanema, na Viera Souto, imensa cobertura, com o dinheiro da partilha do inventário da mãe. – Para quê? Se não tinha filhos? Ah... aquela mania de ostentação. Um grande esnobe. Não puxara nem um pouquinho o pai, a simplicidade em pessoa. – Roberto, após a aquisição da cobertura, tonara-se avarento. Economizava tostões para pagar a pequena parte financiada. Devia achar que, economizando gasolina, juntaria mais depressa. Coitada da Teresa. Inteiramente dominada pelo marido. A mãe também não trouxera o carro. Preferia vir conversando com Teresa. As duas entendiam-se. Ambas frequentavam a mesma igreja, onde prestavam auxílio na celebração da missa. A mãe tinha grande ascendência sobre Teresa e arvorara-se em sua protetora. Bem que a cunhada precisava disso. Muito tímida, complexada por não ter filhos, sujeita inteiramente ao jugo esnobe do marido, sem muita instrução, dedicada exclusivamente a trabalhos domésticos.

Matava-se de tanto esfregar aquela imensa cobertura. Não participava das "discussões intelectuais da família", como costumava dizer Roberto. Quando se aventurava a falar qualquer coisa, ninguém lhe dava atenção, exceto o Comandante, com sua habitual gentileza, e Júlia, a protetora. Elisa, às vezes, tinha pena dela; outra, desprezava-a um pouquinho. Uma pamonha.

No carro seguinte, vinham Gustavo e as filhas Sandra e Cristina. A primeira com dezoito anos; a segunda, quinze. Nem pareciam irmãs. O que Sandra tinha de descontraída, tinha Cristina de introvertida. Passavam o fim de semana com o pai. Gustavo era divorciado. Há dez anos, separara-se da mulher; mantinham, porém, boas relações. Estava bem de vida. Morava no Leme, num ótimo apartamento, muito bem decorado. Vivia com uma governanta negra, jovem e bonita. Helena que decorara o seu apartamento, jurava serem os dois amantes. Se eram, Elisa jamais conseguira descobrir. O irmão, muito calado e retraído, não se abria nem levava a governanta às reuniões da família. A mãe parecia gostar muito dela. Estava sempre visitando Gustavo. Evidentemente, não acreditava no que Helena dizia – "Só mesmo da sua cabeça, Helena. Então, você acha que seu irmão ia se passar para uma negra?" A verdade é que a mãe era uma tremenda racista.

No último carro, sempre a ultrapassar o cortejo e a esperá-lo no acostamento, vinham Helena, o novo namorado e Jéssica. A sobrinha, também com dezoito anos. Fumava muito e dirigia seu próprio automóvel. Vestia-se à moda punk e tinha um linguajar destemperado. Seu volks, zerinho, estava mais uma vez na oficina. Helena, também divorciada há alguns anos, ficara com a guarda da filha. Parecia-se demais com Elisa, que sempre se via nela, dali a alguns anos. E o que via, nada mau. Aos trinta e sete anos, Helena

mantinha intacta sua formosura. Era arquiteta e tinha uma firma decoradora. Bem de vida, também. Comprara o carro para Jéssica à vista; antes mesmo de receber o seguro do anterior, que esta destroçara. Jéssica, uma tremenda "barbeira", constantemente a bater com o carro. Algumas batidas, inclusive a última, bem feias, com mortes e fraturas nos acompanhantes e processo correndo na Justiça. Até hoje, Elisa não entendia o modo porque a irmã conseguira fazer Jéssica tirar carteira de motorista.

O fato é que Helena conseguia tudo. Autoritária e cheia de personalidade. Culta, também. Só não conseguia fixar-se num homem e numa religião. Hoje trouxera seu novo namorado O único estranho ao clã. Enorme, mais alto que o Comandante, que já era bem alto. Gordalhufo, ombros meio curvados, pele muito pálida. Não devia gostar de praia. Pálpebras inferiores um pouco caídas, deixando ver o branco da esclerótica – olhos de peixe morto. A testa, aumentada pela calvície, chegava até o alto da cabeça, de onde saíam cabelos ondulados e oleosos, longos, a cair pelo colarinho do blusão, solto em cima da cintura. Na certa, para disfarçar a barriga proeminente.

Chamava-se Leonardo. O sobrenome a irmã não dissera. Pertencia à seita espírita que Helena agora frequentava. Esta se desgostara da anterior. Desde que abandonara a religião católica em que todos eles haviam sido criados, ela vivia mudando. Iniciara-se num candomblé, onde "fizera a cabeça". Passara pela Umbanda. Depois, por uma ordem ocultista oriental, e agora, experimentava o espiritismo de mesa. – Ah, se fosse com ela! – Elisa interrompeu suas divagações para acender um cigarro. Fazendo-se de distraída, não acendeu outro para o marido. – Ele que pedisse ou ficasse lá com seus "burros". Não pediu. Continuava a dirigir, olhando fixamente para a rodovia. Cada vez

mais mal-humorado. – Ah... mas se fosse com ela! Se fosse com ela, a mãe ia querer logo dar palpite. Já vivia a censurá-la por não ir à igreja. Imagine se começasse a frequentar centros espíritas. O que a mãe não diria? Mas, com Helena, não se metia. Tinha era medo dela. Isso sim. Elisa voltou seus pensamentos, novamente, para o novo namorado da irmã. Jéssica dissera que ele era muito mais moço que Helena. Não parecia. Aparentava, inclusive, mais idade que o Comandante. Sem exagero. Também não podia haver comparação. Um tipo atlético, o seu sogro. Conservadíssimo. Mais bonito que Reinaldo. Quanto ao novo namorada da irmã, se de fato tinha a idade que Jéssica dissera, era então um moço-velho. Andava arrastando os pés, pesadão. Que diferença do Comandante, com suas passadas elásticas e desenvoltas, como se caminhasse contra o vento e sem nenhum esforço. É. A irmã estava na pior. Só muito desespero podia justificar aquele novo namorado. Jéssica contara. Além de "pronto", estava explorando a mãe dela. Devia ser invenção. Elisa esforçou-se por lembrar o nome engraçado pelo qual sua mãe chamava Leonardo. Evidentemente, sem que Helena ouvisse. – Como era mesmo? Gigolô. Era isso. Mas, a verdade é que, desta vez, a irmã não esclarecera a profissão de Leonardo. Helena silenciara. Só informara que ele era "médium desenvolvido".

O médium desenvolvido parecia muito à vontade, quando apresentado à família. Apertara a mão de todos, ar sonolento e distraído, totalmente alheio aos olhares atravessados de Jéssica, francamente hostis. Reação inusitada a da sobrinha. Sempre aceitara bem os outros namorados de Helena, mesmo quando mais moços e "prontos". Vai ver que não tinha gostado do Leonardo, pela sua postura. Dava-se ares superiores e longínquos de guia espiritual. Fumava languidamente os cigarros de Helena. Dirigia agora o "Monza" da irmã, cotovelo e antebraço do lado de

fora. Gostava de velocidade. Só assim se justificavam as violentas ultrapassagens e a posterior espera no acostamento.

***

Em frente à cerca florida, os automóveis enfileiraram-se, aguardando Reinaldo abrir o portão. Entraram um a um, na estreita trilha de pedras triangulares. Depois do maciço das papoulas, antes mesmo de saltarem dos carros, já se ouviam as exclamações de espanto e admiração, no céu lavado de nuvens, abrilhantavam as cores. O Tritão refulgia, à luz reverberante, sobre o tapete verde-claro da grama. Sua silhueta, de alvura total, recortava-se no verde-musgo da hera, fazendo sobressair o tamanho da casa.

Todos saltaram atabalhoadamente dos carros, exceto o Comandante, que jamais perdia a serenidade. Entreolharam-se aturdidos, da mesma forma que ela e Reinaldo, na primeira vez em que haviam chegado ali. A casa ultrapassava qualquer expectativa.

Jéssica exclamou:

- Um tremendo visual!

Gustavo, como o Comandante, não participava do pasmado alvoroço. Já conhecia a casa. Junto com Elisa, um pouco afastados, apreciavam a reação dos demais. O Comandante acercou-se deles e disse em voz baixa:

- Não é possível. Só o terreno vale muito mais. E agora essa casa... uma mansão... há também uma piscina. Reinaldo falou. Não é possível – repetiu. – Tudo isso está muito abaixo do valor real.

- Concordo inteiramente com o senhor – tornou Gustavo. – Até fiz ver a Reinaldo. Se não comprar o sítio, levanto um financiamento e compro. Não se pode perder uma oportunidade dessas. A sorte é de Elisa. Lembra como vendeu bem o seu apartamento? Devia ser corretora de imóveis.

- Tem de haver alguma coisa errada – ponderou o Comandante, após refletir um pouco.

- Até agora, está tudo certo. As escrituras, os impostos em dia, as certidões negativas, a capacidade plena do Capitão. Só falta o atestado de sanidade mental que exigi do procurador dele.

- Atestado de sanidade mental?!!!

- Sim. E passado por dois médicos estranhos à Clínica. E de renome. O senhor sabe. Toda cautela é pouca. Por esse preço... Tenho de resguardar Reinaldo, contra qualquer eventualidade futura. Logo venha o atestado, marcaremos a escritura.

Os três tinham ficado para trás. Os outros, em torno da estátua do Tritão, pareciam discutir. Aproximaram-se do grupo. Reinaldo dizia enfático:

- É muito imoral, sim. Vou remover essa estátua.

Júlia, Teresa e Roberto apoiavam-no com veementes acenos de cabeça. Helena, o namorado e Cristina mantinham-se neutros.

- Essa não, Tio! – protestou Sandra, lançando os longos cabelos para trás dos ombros, olhos arregalados, fixos na estátua; muito azuis, cintilantes de excitação.

- Não vai querer dar uma de puritano, hein, Tio? – falou Jéssica, retorcendo o corpo miúdo e bem-feito, a fim de examinar melhor a estátua, olhar maroto e um muxoxo sestroso nos lábios rosados e carnudos, como os de Elisa.

Num gesto largo e solene de guia turístico, Leonardo falou pela primeira vez. A voz fina, aguda, quase feminina, surpreendeu. Não condizia com o seu tamanho e gordura. Todos se calaram para ouvi-lo.

- Eis Tritão, o erótico filho de Poseidon e Anfitrite, o raptor de mulheres, soprando seu búzio encantado.

Mas que exibido, pensou Elisa. Jéssica devia ter pensado a mesma coisa. Enfiando o braço no do Comandante, dirigindo-se exclusivamente a ele, mas espiando Leonardo pelo canto dos olhos, perguntou em voz aguda:

- Se fosse o Tritão estaria sem cabeça, não é? Não era assim que representavam ele? Naquele templo de Dionísio. Onde mesmo, Vô? Você conta de novo, conta?

- Em Tanagra – respondeu, acariciando-lhe a mão distraidamente. – Mas nem sempre representavam assim, minha filha. Mas vamos ao que interessa, está bem? Vamos ver a casa. Depois eu conto de novo.

Jéssica a única das sobrinhas de Elisa que tratava o Comandante da mesma forma que Clarisse. Sandra e Cristina só se dirigiam a ele, cerimoniosamente. Os demais também. Não que fosse "*poseur*" ou coisa assim, mas era muito calado. Quase não falava. Só sabia ouvir e observar. Mas Jéssica tomava logo intimidade com as pessoas, refletia Elisa. Vivia, inclusive, agarrando-se ao seu sogro. Agora, que ela não gostava mesmo do

novo namorado da mãe, não gostava. Caso contrário, já estaria dependurada em seu braço, como sempre fizera com os anteriores.

Reinaldo já se aproximava das escadas. De lá chamou:

- Vamos ver a casa, pessoal. Depois discutiremos o que vai ser ou não removido.

Aproximaram-se todos. As sobrinhas de Elisa, propuseram-se apostar corrida. Sandra e Jéssica subiram pelas escadas de um lado da varanda avançada, Cristina do outro. Jéssica chegou primeiro. Festejou a vitória com pulinhos e hurras. Elisa lamentou ter deixado Clarisse em casa. E olhe que o sogro pedira, naquele jeito pouco acanhado, que o deixassem levar Clarisse, garantindo que tomaria conta da neta e não a deixaria incomodar ninguém. Mas Reinaldo fora inflexível. Iriam almoçar depois, na Barra, e nada de levar crianças. Reinaldo não era muito apegado aos filhos. E ela, também, essa que era a verdade. Agora estava arrependida. Podiam muito bem ter trazido Clarisse. Faria a vontade do sogro e, ao mesmo tempo, agradaria a filha. Ela iria gostar muito daquilo. Evidentemente, Jéssica, a deixaria ganhar a corrida. Tinha muita paciência com a prima. Parecia gostar muito da menina.

Todos se aglomeraram em frente à porta. Mais exclamações admirativas, diante do alto-relevo das parreiras.

- É uma obra de arte – sentenciou Leonardo. E dirigindo-se a Reinaldo, perguntou – Você já procurou saber o que representa esse brasão? E o que quer dizer essa inscrição?

Reinaldo meneou a cabeça numa negativa. Jéssica, em tom francamente provocador, perguntou ao Comandante?

- Os tridentes não são símbolos de Poseidon, Vô? E a inscrição, não é grega?

- É o que parece – respondeu, com evasiva delicadeza.

Reinaldo escancarou os batentes da porta. Mais exclamações. Agora, de desagrado. Só o Comandante continuava neutro. Quase unanimidade quanto ao vestíbulo parecer capela de cemitério. Reinaldo, satisfeito, olhou significativamente para Elisa. Esta desviou os olhos.

- Sabem de uma coisa? – Indagou Helena. – Esse vestíbulo é de construção recente. A *console* também. O mármore é novo, sem nenhuma porosidade. O cimento das juntas está limpo, quase fresco. Este vestíbulo devia integrar o salão ao lado.

- É – concordou Reinaldo. – A gente não tinha notado isso. Os banheiros são também de construção moderna, exceto o da suíte e o... – Interrompeu-se ante o olhar imperioso de Elisa; depois, prosseguiu – e as casas de empregados também são novas.

O Comandante aproximou-se de Elisa e murmurou:

- Não entendo. O Capitão fez essas obras todas... dispendiosas... Por quê? Para quê? Para logo após vender a casa por preço irrisório?

- Não é à toa que ele se internou, não é? – replicou, sorrindo e espalmando as mãos em sua direção.

- Mas então vocês não devem comprar a casa. Não é correto – declarou, em voz um pouco fria.

Elisa sobressaltou-se. Não fosse o sogro dissuadir Reinaldo. Este sempre acatava as opiniões do pai. Da mesma

forma que Jéssica, enfiou o braço no dele e disse baixinho e carinhosamente:

- Ora, sogrinho, o senhor conhece bem o seu filho. Jamais se aproveitaria de um paciente. Eu estava brincando. Não se lembra? Lá na casa da mamãe, Gustavo contou. Reinaldo fez ver ao Capitão que o preço era baixo. Foi muito sincero. Mas o Capitão persistiu na ideia da venda. É muito rico. Nem sabe o que possui. Não dá valor. E, para nós, essa casa caiu do céu.

- Do céu? Será? - indagou num murmúrio, quase para si mesmo. Depois, com delicadeza, desvencilhou-se do braço de Elisa e pôs-se a examinar a *console.*

- Venham cá! – chamou Helena lá do salão. – Venham ver que maravilha! Olhem a altura das paredes. Que diferença dos apartamentos modernos, de tetos cada vez mais baixos. Aqui se respira. Observem o bom gosto do papel de parede. Cores pastel. Muito antigo e bem conservado. Vejam as tábuas corridas do assoalho. Pingo de Riga, madeira nobre. E as janelas? Puto estilo colonial. Quem construiu essa casa tinha um tremendo bom gosto – interrompeu-se para tomar fôlego. Olhou para o alto – Só não gosto dos lustres. São valiosos, mas não fazem meu gênero. Lembram museu histórico. Mas, garanto, são bem do estilo da Elisa e mamãe – concluiu com ar jocoso.

Jéssica e Sandra concordavam com tudo que ela dizia, em ardoso movimento de cabeça. Elisa indagou:

- Você me ajudaria a arrumar os móveis e a colocar os quadros, não ajudaria?

- Claro – replicou a irmã avoadamente, passando para o corredor.

Todos a seguiram, exceto Elisa, a mãe e o sogro, que ficaram junto de Teresa, ouvindo seu comentário sobre a trabalheira que ia ser manter aquela casa limpa. O Comandante pôs-lhe a mão no ombro: “Uma boa observação, Teresa uma boa observação.” Elisa notou que a mãe estava muito calada. Incrível. Só podia ser ciúme do Comandante. Observara-lhe o olhar de censura quando a vira meter o braço no dele. Achegou-se à mãe, dando-lhe um beijo na face,

- Então, mãezinha, está gostando da casa?

- Estou. Pelo preço, é um negócio da China. Apenas acho que você vai ficar muito sozinha aqui, mais o seu sogro. Reinaldo trabalhando tanto, como vem trabalhando ultimamente. Eu acho... – Desistiu de continuar e afastou-se de Elisa, aproximando-se de Teresa. Juntas, passaram para o corredor. Conversavam em voz baixa. Teresa pôs-se a menear a cabeça, numa negativa, sem dizer mais nada.

(O que seria que sua mãe estaria dizendo a Teresa?)

***

Percorreram todos os cômodos. Elisa avisou que o de porta trancada ficaria para o final. Era uma surpresa. Na cozinha, quem se entusiasmou foi Teresa. Perdeu a timidez.

- Mas é imensa! Viram a ótima despensa? Quantas tomadas! Que mesa enorme! Nunca vi um mármore tão bonito assim.

Enquanto Teresa falava, todos iam descendo as escadas para o porão, inclusive Roberto. Só então Elisa notou que o

cunhado ainda não abrira a boca. Sorriu interiormente. Devia estar tremendamente despeitado. A casa impressionara mais o pessoal que a sua cobertura de Ipanema.

- Dois fogões! – continuava Teresa, entusiasmada, elevando a voz. – Esse moderno, sem uso, a gás. Aquele à lenha. Sou mais pelo de lenha. Vocês sabem? A comida feita no fogão à lenha fica mais gostosa.

Quase todos já tinha descido para o porão. Até Roberto. Elisa mantinha-se ao lado de Teresa, juntamente com o sogro. Este sorria, mostrando os dentes alvos e excelentes, os da frente, um pouco separadinhos.

- É mesmo, Teresa? Não sabia disso. Se viermos para aqui, vou providenciar um machado e umas boas toras de lenha.

Teresa retribuiu sua atenção com um grande sorriso. Elisa suspirou de prazer.

(Ele já admitia a hipótese de vir morar ali. Que bom!)

***

O tamanho da adega também impressionou. Quase toda a extensão da casa, não fosse o espaçoso cômodo, já reservado para quarto de brinquedos, e o cubículo, onde estavam os grandes cilindros de gás engarrafado, ligados a um emaranhado de tubos de cobre.

- Mas essa casa não existe! – exclamou Helena. – Água quente em todos os banheiros!

- Na cozinha também – acrescentou Elisa, em tom de modéstia.

- Pretendo tirar esses cilindros daí. Acho um perigo – comentou Reinaldo.

- Vocês não acham também perigoso reservar esse cômodo para quarto de brinquedos? Pode haver ratos na adega – ponderou Júlia.

- Não vimos um só rato, uma só barata – apressou-se Elisa a dizer. – Achei até estranho.

O Capitão deve ter mandado fazer uma boa dedetização – observou Reinaldo. – De qualquer forma, vou isolar a adega do quarto de brinquedos. Papai que sugeriu.

Então o Comandante aprovara a casa, pensou Elisa, radiante.

Chegara o grande momento. Elisa e Reinaldo pararam em frente à porta fechada. Os demais, também. Elisa esperara por isso, desde o início. O coelho, escondido na manga.

- Tá, dã, dã, dã – entoou a primeira frase musical da Quinta Sinfonia de Beethoven, enquanto, vagarosamente, rodava a chave e escancarou as duas bandas da porta – Eis aí o quarto de banho!

Nenhuma exclamação. Fundos suspiros apenas. Elisa olhou para o sogro. Ele fechara a cara. Não havia gostado. Que pena! Que decepção!

Fora construído junto com a casa, o quarto de banho, como Elisa resolvera designá-lo, para distingui-lo dos demais banheiros. Todo em mármore. Legítimo mármore de carrara, verde-musgo, com veios brancos. Espaçoso. Dentro dele, ao longo das paredes, largos bancos, do mesmo mármore. No centro, piscina retangular, de três metros por dois de superfície e quase um metro de